



# A Semana



## Nova condenação

O ex-ministro José Dirceu foi condenado pela segunda vez no âmbito da Operação Lava Jato. Dirceu, afirmou a acusação, recebeu cerca de 2 milhões de reais, de um total de 7 milhões, em propina pagos pela empresa Apolo Turbulars, fornecedora da Petrobras. A pena soma 11 anos e três meses. "Hoje não se julgam mais os fatos e sim o nome de quem aparece na capa do processo", disse Roberto Podval, advogado de Dirceu.



## Bolsonaro/ Nem o boneco escapa

O deputado continua réu. E sua réplica em Olinda é barrada na folia

**E**m alta nas pesquisas de opinião, autointitulado "matador de tu-canos", o deputado Jair Bolsonaro não anda em uma fase tão boa como considera. Na terça-feira 7, a Primeira Turma do Supremo Tribunal Federal rejeitou por unanimidade o recurso que pretendia livrar o parlamentar da condição de réu por incitação ao estupro. Foram mantidas as duas ações penais por apologia ao crime e injúria. Em 2014, Bolsonaro afirmou no plenário da Câmara e repetiu em uma entrevista a um jornal que a colega Maria do Rosário, do PT, não merecia ser estuprada por ser "muito feia"

e não "fazer o tipo" dele. O deputado não quis comentar a decisão.

Nem seu boneco de Olinda escapou de punição. Por conta de uma dívida de 1,2 mil reais deixada por "bolsominions" pernambucanos, a imagem gigante do deputado foi proibida de circular na folia carnavalesca. Milton Costa, idealizador da "homenagem", desabafou nas redes sociais: "Minha missão era botar o boneco nas ruas e não participar de sodomias, as quais abomino. Hoje chegou a informação de que o meu boneco Bolsonaro está refém de uma dívida de colchões, bebidas etc." Inaugurou-se neste Carnaval o fascismo caloteiro.

## Século XIX/ O FIM DA LISTA NEGRA

IVES GANDRA FILHO SUSPENDE A DIVULGAÇÃO DO TRABALHO ESCRAVO

Ives Gandra Martins Filho, presidente do Tribunal Superior do Trabalho, suspendeu a medida liminar que obrigava o governo federal a publicar a lista de empresas acusadas de estimular o trabalho escravo. A suspensão havia sido solicitada pela União. Em dezembro, o Palácio do Planalto

anunciara a intenção de não mais publicar a lista. Em troca, criaria um "grupo de trabalho" para discutir uma nova maneira de divulgar os crimes. Em atendimento a uma ação do Ministério Público, o juiz Rubens Curado Silveira havia obrigado o governo a publicar a lista suja. "O combate ao trabalho escravo é

uma política de Estado, pene, independente e sem nenhum viés ideológico", anotou Silveira em sua decisão. Martins Filho tem outro entendimento. Para ele, não cabe ao Poder Judiciário se meter na estratégia do Executivo. A divulgação da lista está suspensa por tempo indeterminado.





15.3.17

## Boulos/ O valor da militância

O protesto do MTST dá resultado e seu coordenador deixa de escrever na *Folha de S.Paulo*

**G**uilherme Boulos, coordenador do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, não é mais colunista do diário *Folha de S.Paulo*. Foi dispensado na quarta-feira 8, por telefone. “Não estranhei”, escreveu em sua última coluna, publicada no dia seguinte. “Estranhei, na verdade, que essa ligação tenha demorado tanto tempo para acontecer. Tenho posições antagônicas às do jornal e, principalmente, uma militância que incomoda a maior parte dos leitores e anunciantes.”

Boulos compunha a cota de colunistas progressistas da *Folha*, ao lado da economista Laura Carvalho e do filósofo Vladimir Safatle, entre alguns outros, mantida para justificar o suposto pluralismo do jornal paulistano. Mas, como bem ressaltou em seu último texto, sua militância social incomoda. Não por acaso, a dispensa deu-se justamente depois de uma vitória do MTST obtida por



“Não estranhei”,  
diz Boulos  
sobre o rompimento

meio de uma aguerrida mobilização.

Após 22 dias, o movimento desfez o acampamento em frente ao escritório da Presidência da República na Avenida Paulista. O fim dos protestos justifica-se: o Ministério das Cidades cedeu à pressão e aceitou recriar a recentemente extinta faixa 1 do programa Minha Casa Minha Vida, aquela que atende as camadas mais pobres da população. Atenção: o prefeito João Doria tentou surfar na onda do episódio, mas nada tem a ver com a retirada das barracas de lona da Paulista.

O acampamento incomodou “leitores e anunciantes” da *Folha*, vários com lojas e escritórios no trecho ocupado pelos sem-teto.

## O grande irmão na sua tevê

Na terça-feira 7, no maior vazamento de material da CIA da história, o WikiLeaks publicou milhares de páginas com descrições de técnicas e ferramentas de software usadas pela agência para invadir smartphones, tablets, computadores, redes de wi-fi e tevês ligadas à internet. A organização de Julian Assange não divulgou a codificação propriamente dita e não deu exemplos de uso concreto. Mostra, porém, que a CIA pode invadir também smartphones com sistemas Apple e Android, ignorar sistemas de criptografia usados em redes como WhatsApp, Signal e Telegram e coletar mensagens antes de serem criptografadas. Segundo o WikiLeaks, os documentos circulam entre ex-contratados e ex-especialistas do governo e um deles, de codinome “Vault 7”, lhes repassou parte das informações.

## Israel/ A INTRANSIGÊNCIA MUDOU DE LADO

O HAMAS FLEXIBILIZA SUAS POSIÇÕES, ENQUANTO TEL-AVIV AS ENDURECE

FABIO RODRIGUES POZZOBOM/ABR, ALOISIO MAURICIO/FOTOPRESS, SUHAIB SALEM/POOL/GETTY, IMAGEM/SAFARI, MARCOS CORRÊA/PR

Segundo o jornal londrino em árabe *Asharq al-Awsat*, o Hamas debate uma nova carta-programa a ser aprovada até abril. Em contraste com os princípios de 1988, admite um Estado Palestino nas fronteiras de 1967, aceita a luta não violenta e deixa de identificar o conflito político com Israel como um confronto religioso com

os judeus e o judaísmo. Além de facilitar a reunião do movimento palestino, hoje dividido entre o Hamas em Gaza e a Al-Fatah na Cisjordânia, essa mudança de posição reabre a possibilidade de coexistência e paz com Israel.

Entretanto, Tel-Aviv move-se em sentido contrário. Seu governo bloqueou a entrada no país de

representantes de ONGs críticas ao governo, está cassando suas isenções fiscais e discute a proibição dos chamados de muezins nas mesquitas, o que não tem outro sentido que não provocar os muçulmanos. E teve de ser advertido por Washington, na segunda-feira 6, a não anexar a Cisjordânia, como pretendem ministros e parlamentares.



O maior obstáculo à paz pode não ser mais o Hamas